



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

A distribuição dos equipamentos culturais e os processos de segregação na cidade de São Paulo: O acesso à cultura na urbe metropolitana.

Lucia Bógus^{**}

PUC/SP

Suzana Pasternak^{**}

FAU/USP

1. Introdução

As formas de produção cultural presentes em uma cidade estão intimamente ligadas ao conjunto de atividades econômicas desenvolvidas em seu território, bem como às características da estrutura social, à dinâmica demográfica e à distribuição da população no espaço construído. Vinculam-se, em outras palavras, ao conjunto de fatores que fazem da cidade aquilo que ela é: com ruas e avenidas de traçados antigos e recentes; com as histórias dos moradores e a bagagem cultural importada e construída cotidianamente por eles, como atores dos processos de produção e reprodução da urbe; com a presença do Estado como promotor e/ou regulador das atividades culturais, justificando a instalação de equipamentos pelas demandas e ofertas já existentes.

Se as formas de produção e as manifestações culturais podem assumir caráter espontâneo e registrar-se em qualquer parte da cidade, demonstrando a liberdade de expressão e a capacidade criadora e inventiva dos produtores da chamada cultura popular, o mesmo não acontece em relação aos equipamentos culturais, como expressão da responsabilidade do Estado em garantir as manifestações da cultura popular e erudita em locais exclusivamente destinados a essa finalidade e abertos à participação de todos os cidadãos.

Na cidade de São Paulo, a localização dos equipamentos de cultura evidencia, desde logo, a íntima relação entre a história da cidade e as formas de interpretação, experimentação e apropriação da produção cultural. A grande concentração dos equipamentos culturais nas áreas centrais e nos bairros de residência das elites evidenciam o caráter segregador da cidade, pólo da maior região metropolitana nacional, e reforçam as distâncias sociais pela desigualdade de acesso a tais equipamentos.

O principal objetivo deste trabalho é analisar a distribuição espacial dos equipamentos culturais na cidade de São Paulo relacionando-a com a população residente no entorno, segundo as suas características sócio-ocupacionais. Para tanto verificou-se a presença dos equipamentos a partir de duas bases espaciais, que fornecem leituras específicas da cidade:

- A localização de equipamentos de acordo com a divisão do tecido urbano em anéis (Pasternak e Bógus, 1998). Os 5 anéis que estruturam a cidade apresentam características distintas, como renda, escolaridade, perfil etário e taxas de

* Professora Titular do Departamento de Sociologia da PUC-SP.

** Professora Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.



crescimento específicas, fornecendo elementos para a construção de um quadro interpretativo e analítico

- A distribuição destes mesmos equipamentos de acordo com mapas de segregação construídos com o uso de uma variável *proxy* da classe social e sua espacialização: a categoria sócioocupacional, utilizando-se a metodologia desenvolvida pelo Observatório das Metrôpoles.

Estas duas aproximações possibilitaram a elaboração de mapas reveladores dos padrões de localização dos aparelhos culturais e o estabelecimento de suas relações com as características sócio-ocupacionais da população residente no entorno.

Essa distribuição está diretamente relacionada à história da cidade de São Paulo e da criação, sobretudo a partir do início do século XX, das áreas de convivência das elites, com espaços de sociabilidade ligados ao lazer, às artes e à música. A pesquisa sobre os padrões de ocupação para o município de São Paulo no século XX revela uma história da segregação. Os equipamentos e suas localizações são manifestações da concepção de espaços públicos voltados mais às elites do que à população trabalhadora. Suas dualidades se manifestam nos parques e nas formas de lazer e consumo, que definem e qualificam São Paulo como uma “cidade de extremos”, onde centro e periferia expressam condições de vida e de consumo desiguais e vivências desiguais das formas de urbanidade.

2. São Paulo: uma Cidade Segregada

A Cidade de São Paulo expandiu-se com base em uma lógica segregadora desde o início do século XX. A emergência de uma economia industrial é fator crucial para o entendimento histórico dessa lógica, voltada ao alojamento dos trabalhadores estrangeiros, num momento inicial e de trabalhadores nacionais, oriundos das áreas rurais, sobretudo a partir dos anos 1950. Nesta data, a população da cidade atingiu 2.198.096 habitantes, com taxa de crescimento entre 1940 e 1950 de 5,25% ao ano. Estima-se que o componente migratório foi responsável por 76% do incremento populacional na década de 1940-50.

Entre 1950 e 1960 a população paulistana cresceu para 3.713.865 residentes. Nesta data o que se denomina de anel periférico agregava uma população ainda reduzida, menos de 11% do total municipal, enquanto cerca de 20% dos moradores residiam no centro expandido (anéis central e interior).

Na década seguinte a população da cidade apresentou crescimento explosivo, com taxa de 4,70% ao ano. Este crescimento é ainda devido à grande migração interna (61% do incremento foi migratório). Estas duas décadas forma marcadas pela expansão do tecido urbano em direção ao que pode ser chamado o anel periférico: entre 1960 e 1970 a taxa de crescimento do anel periférico é de 12,81% anuais, enquanto que o centro expandido cresce a menos de 1%. E é na periferia sem infra-estrutura física e social que se alocam os migrantes pobres recém chegados à cidade. Moradores pobres são impelidos para



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

regiões cada vez mais distantes do centro histórico, tanto para o entorno da capital como para as cidades limítrofes.

A expansão periférica da cidade se acentuou principalmente a partir da década de 1970. As taxas totais de crescimento demográfico do município decrescem a partir da década de 70, quando atingem 3,66% ao ano, caindo para 1,13% anuais nos anos 80, 0,92% nos anos 90 e 0,76% entre 1000 e 2010. Até o ano 2000, este crescimento continuava essencialmente periférico. Nos anos 80, os três anéis centrais perderam cerca de 250 mil residentes. Entre 1991 e 2000 esta perda atingiu 265 mil moradores. De outro lado, o anel periférico ganhou 1,4 milhão entre 1970 e 1980, 1,1 milhão entre 1980 e 1991 e 1,05 milhão entre 1991 e 2000. E esta periferia era, fundamentalmente, lócus da pobreza, lugar sem equipamento, *urbanização sem cidade*. A renda média do responsável pelo domicílio na periferia em 2000 era 2 vezes menor que a renda média do anel mais rico (anel interior). A proporção de chefes de família que ganhavam até 1 salário mínimo mensal em 2000 é de quase 6% , e a de chefes com até 2 salários mínimos alcança 24%. Em relação à categoria sócioocupacional, é na periferia onde residem os ocupados classificados nos pontos mais baixos da hierarquia: 7% dos ocupados pertencem aos trabalhadores do terciário não especializado e 27% aos trabalhadores do secundário. Apenas 2,7% são profissionais de nível superior e menos de 1% à elite dirigente. Como comparação, no anel interior 10% dos moradores era da elite dirigente em 2000 e 22,5% eram profissionais de nível superior, enquanto que neste anel apenas 3% dos moradores pertenciam aos trabalhadores do terciário não especializado e 5,6% eram trabalhadores do secundário. Há uma diferença notável entre renda e ocupação dos moradores do centro expandido e da periferia.

A população do município de São Paulo em 2010 atingiu 11.253.503 habitantes. Na primeira década do século XXI o centro de São Paulo inverteu a tendência de queda das últimas décadas: enquanto que a população da cidade cresceu a uma taxa de 0,76%, as dos anéis centrais e interiores cresceram a taxas de 1,24% e 1,05%. Se os três anéis centrais tinham perdido 265 mil moradores nos anos 90, na primeira década de 2000 ganharam 216 mil. Boa infra-estrutura, facilidade de transporte e rede de serviços adequada foram redescobertos por quem escolheu morar em distritos centrais como Sé, República, Santa Cecília ou Bela Vista. Entre os distritos do anel central, apenas Consolação, distrito de alto poder aquisitivo, cresceu menos que a média da cidade como um todo.

Tabela 1- Município de São Paulo: taxas geométricas anuais de crescimento populacional

ANEL	taxas				
	60-70	70-80	80-91	91-2000	2000-2010
central	0,69	2,23	-0,94	-2,05	1,24
interior	0,08	1,26	-1,17	-1,78	1,05
intermediário	2,79	1,28	0,71	-0,79	0,81
exterior	5,52	3,13	0,83	0,13	0,33
periférico	12,81	7,39	3,05	2,71	0,96
TOTAL	4,70	3,66	1,13	0,92	0,76



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Fonte: Censos Demográficos de 1960, 70 ,80 ,91, 2000 e 2010

Tomando em consideração a localização das categorias sócio ocupacionais (proxy de classe social, conforme metodologia do Observatório das Metrôpoles), a estrutura sócio-espacial da capital apresenta-se bem específica: entre suas 456 áreas de pesquisa (AEDs, áreas de expansão demográfica), 64% são médias e/ou superiores: em 1991 33% eram superiores e 31% médias; já em 2000 as áreas do tipo média representavam 37% do total e as superiores, 27%. Denomina-se área superior àquelas onde o peso relativo das categorias superiores (elite dirigente e profissionais de nível superior) é sensivelmente maior que na média da cidade como um todo, mostrando grande concentração destas categorias nesta tipologia, que compreende praticamente todo o centro expandido, área delimitada pelos rios Tietê e Pinheiros. Nas áreas médias o peso relativo das categorias médias é superior ao do município como um todo. Circundam as áreas superiores, deslocando, em 2000, antigas áreas operárias. Entre 1991 e 2000 a predominância das áreas na capital mudou de operárias para médias: em 1991 22% das áreas de estudo eram operárias, enquanto que em 2000 este percentual atingiu 18%. Antigas áreas operárias a leste da capital, como Vila Prudente, Sacomã e Cursino, transformaram-se em áreas médias em 2000, assim como no sul (Jabaquara, Pedreira, Cidade Dutra, São Luis, Capão Redondo, campo Limpo) e no extremo leste (Sapopemba e Cidade Lider). De outro lado, a extrema periferia continua com maioria de áreas populares, com peso relativo alto de operários da construção civil e de trabalhadores do terciário não especializado. Percebe-se que a cidade apresentava, até 2000, um perfil típico de “mancha de óleo”, onde os tipos superiores se localizam em áreas mais centrais, circundados por tipos hierarquicamente inferiores, primeiro os médios, depois os operários e por fim os populares. (vide nota 1, no final do capítulo).

A complexidade foi sempre a marca registrada do crescimento da metrópole paulista e, especialmente, de sua capital. A convivência no espaço ainda reduzido da cidade, de populações de diferentes origens, com distintas bagagens culturais, produziu demandas em relação a equipamentos públicos, que o Estado atendeu com a criação de alguns parques e jardins, cujo caráter democrático permitia diluir as tensões existentes nas relações sociais fabris. Ao lado destes parques, instalados nas áreas centrais e de maior acessibilidade, os cinemas e teatros, que atendiam mais às demandas das elites do que das classes trabalhadoras, davam à cidade um certo ar de cosmopolitismo, que só vai se firmar, de fato, após o período do segundo pós-guerra. A distribuição espacial dos equipamentos culturais no território- cinemas, teatros, museus- revela uma concentração no centro expandido do município de São Paulo, estando praticamente ausentes nas regiões periféricas. Há, neste caso, uma explicação de caráter histórico. A descentralização dos cinemas é um fenômeno dos anos 50-60 e foi parte do movimento de constituição e fortalecimento dos centros de bairro (Meyer et al, 2004, p 174). A abertura de cinemas nas regiões periféricas é ainda fenômeno recente, ligado ao programa dos shopping centers.

3. Equipamentos de cultura e lazer



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Construiu-se uma tipologia dos equipamentos de cultura e lazer. Entre estes, escolheu-se analisar os cinemas e teatros, museus, espaços multiculturais, monumentos históricos e parques. Não foram incluídos na listagem bares, espaço de eventos e bibliotecas. As fontes de informação foram a Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, a São Paulo Turismo S/A, a Agência dos Correios, a Prefeitura Municipal de São Paulo e o Guia Folha, do Jornal Folha de São Paulo. Estas informações constam na dissertação de mestrado de Nakagawa (2010), de onde foram extraídas as informações. Há algumas discrepâncias com dados do IBGE para o município, como se pode observar na Tabela 2

Tabela 2 – Equipamentos de cultura e lazer no Município de São Paulo

tipologia	Nakagawa 2007	IBGE, 2000	ESP, 2006
cinemas	68	61	144
teatros	84	46	233
museus	63	68	203
bibliotecas		84	612
espaços multiculturais	69		
parques	61		
construções históricas	45		

Fonte: Nakagawa, 2010 p 16; IBGE, apud Meyer at AL

Nas salas de cinema incluem-se as salas de cinema em shoppings e as exclusivas; entre as construções históricas estão tanto monumentos como edifícios tombados; os museus agregam todo o tipo, de artes, ciências, história, etc. Teatros incluem teatros exclusivos para tal fim, teatros em universidades e em hotéis e shopping centers. Os parques incluem tanto os temáticos como as reservas; por fim, os espaços multiculturais computam casas, oficinas e institutos de uso múltiplo, centros culturais e os SESC's e CEUS (espaços do Serviço Social do Comércio e os Centros de Educação Unificada, construídos a partir da década de 90 pela prefeitura municipal).

Os monumentos históricos estão circunscritos ao centro antigo, dentro do anel central, com exceções de algumas poucas construções históricas ligadas ao esporte. Museus com acervos voltados para a fundação da cidade localizam-se sobretudo nos anéis central e interior (distritos da Sé, República, Bom Retiro, Consolação). O MASP (Museu de Arte de São Paulo), atualmente localizado na AV Paulista, na década de 60 expunha seu acervo na rua 7 de abril, no centro novo. Na região Sudeste, alguns distritos do anel interior, como Pari e Brás, locais que receberam grande quantidade de migrantes ligados a atividades operárias, encontram-se alguns museus de imigração (Museu do Imigrante e da Migração Japonesa) e vila operárias tombadas pelo patrimônio histórico. No Ipiranga aloca-se o Museu Paulista, museu dedicado à compreensão e evolução da sociedade brasileira, com ênfase na paulista. Apresenta acervo arqueológico e iconográfico, com três grandes vertentes: estudo do mundo do trabalho, do imaginário e do cotidiano, e a Casa do Grito, suposto local onde foi proclamada a República em 1822. Entre os 63 museus encontrados, a grande maioria localiza-se no centro expandido da cidade. Na porção sul do centro expandido localizam-se inúmeros museus ligados às artes plásticas: MAM (Museu de Arte Moderna), MUBE (Museu da Escultura), MIS (Museu da Imagem e do Som), Museu



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

da Casa Brasileira, Centro Cultural Vergueiro, além de museus temáticos, como o do Instituto de Botânica, Museu do Automóvel, Museu do Computador, Museu do Instituto Biológico. Ainda nos distritos do sul e do oeste, já fora do centro expandido, localizam-se os acervos ligados à Universidade de São Paulo.

É interessante notar que os distritos do leste, região fortemente operária e popular, contam apenas com o Memorial do Migrante, na Mooca. Concluindo, percebe-se uma concentração dos museus ligados à colonização e ao período republicano no centro tradicional, outra concentração ligada às artes plásticas e tecnologia, nos distritos oeste e sul do centro expandido e pouca coisa a leste, privilegiando iconografia e documentação de operários e imigrantes (Nakagawa, 2011: 33).

A localização das salas de exibição cinematográfica demarca o lugar social do público. Na cidade de São Paulo esta espacialização apresenta uma cronologia específica: inicia-se com as salas localizando-se em bairros populares, em seguida vão existir salas no centro. A partir de 1950/60, como parte da política de fortalecimento de bairros, vão existir salas de cinema nos bairros de classe média, em seguida, no fim do século XX e início do XXI, migram significativamente para os shopping centers.

Segundo Schvarzman (2005), Gabus Mendes, cronista da Revista Cinearte, de 1926, “milita pela dignificação do cinema: quer melhores salas de exibição no Centro e em bairros nobres”. Com exceção do Cine República, no distrito do anel central República, inaugurado em 1922, as grandes salas de cinema estavam em bairros operários, como Brás e Barra Funda. O Cine Belém, no Brás, data de 1911. Na av. Celso Garcia localizava-se também o Cine Santa Terezinha. Neles eram apresentados filmes de boas companhias, “fato que contaria o cronista, que acha um desperdício filmes bons serem exibidos para uma platéia, no seu entender, sem qualificações” (Schvarzman, 2005:170). Ele preconizava salas melhores, em lugares mais qualificados, que garantissem um público letrado e burguês. Contrariamente ao que acontecia nos Estados Unidos, onde o cinema já nasceu como lazer de massa, a intenção dos críticos em São Paulo era tornar o cinema um espetáculo requintado, oposto ao divertimento popular. Este mesmo crítico pede a Francisco Serrador, dono de inúmeros cines no Rio, que olhasse São Paulo com o mesmo carinho, já que, segundo ele, a única sala boa na cidade era o Cine República. O cinema seria, segundo ele, expressão artística elevada, própria para o consumo de elites cultas. Dessa forma mereceria ser bem freqüentado, com salas adequadas e bem situadas no tecido urbano.

Em 1920/1930 São Paulo possuía entre 30 a 40 cinemas. Ou seja, um cinema para cada 20 mil pessoas. Na Aclimação, na Avenida Domingos de Moraes, pelo menos dois; o Roma, à rua São Bento, no centro histórico. República e Santana, no centro novo; o Avenida, na Avenida São João, Central e Paraíso, em Campos Elíseos; São Pedro, na Barra Funda, entre outros.

Segundo a autora citada, no Brasil a exibição de filmes acompanhou, ainda que de forma defasada, a transformação das salas nos Estados Unidos. Na sua origem o cinema foi um divertimento popular, exibido como parte de espetáculo de variedades, lazer preferencialmente masculino. À medida que foi se tornando espetáculo autônomo, antigos armazéns localizados perto de regiões de concentração operária, como Brás e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Mooca, foram adaptados para exibição cinematográfica. Com advento dos filmes de longa metragem, o cinema vai se transformando em diversão da burguesia e se localizando em regiões mais centrais da cidade. Se nos Estados Unidos isso parece ter acontecido a partir de 1915, em São Paulo isso ocorreu a partir de 1925. Havia 27 salas, oito delas no centro, enquanto que só no Brás havia seis, no Bom Retiro duas, na Mooca uma, no Cambuci uma e em Vila Mariana também uma sala. Em bairros de classe média como Paraíso, Bela Vista e Santa Cecília havia apenas uma sala. Nota-se que o cinema era ainda voltado ao público operário, já que entre as 27 salas, mais de 40% alocavam-se em bairros populares. Este quadro se mantém, de certa forma, até 1927, quando as salas somam 35, sendo ainda 8 no centro e 12 em bairros operários (34%). As salas do Brás, como a do Cine Piratininga, com cerca de 1500 lugares, e a do Cine Oberdan, possuíam cadeiras de madeira e não apresentavam o luxo das salas do centro, direcionadas à burguesia. O crítico Gabus Mendes insiste em afirmar a inutilidade e a inconveniência da existência de cinemas no Brás, Mooca e Cambuci, de forma preconceituosa, que reflete a mentalidade dominante: associa-se ao trabalhador, e sobretudo ao imigrante, a idéia de agitação, revolta e perigo, da qual é necessário se proteger pela segregação e distância. Tal segregação levava visitantes a descrever São Paulo como duas cidades justapostas. O centro e os bairros nobres davam as costas à aglomeração industrial e operária que crescia ao longo do cinturão ferroviário nas várzeas do Tamandateí e do Tietê, tendo seu próprio centro no Brás. Reclus (1900; apud Malta Campos 2004: 73) escreveu que “Pode-se dizer que São Paulo e Brás são duas cidades perfeitamente distintas”.

Nas décadas de 60 e 70 os cinemas invadiram os vários bairros da cidade. Com afirmou, Meyer (2004), tratava-se de estratégia de fortalecimento dos centros de bairro; hoje substituída pela localização de salas de cinema em shopping centers. Em Higienópolis, Pacaembu e Perdizes, salas de bairro bem equipadas, como o Esmeralda, Plaza, Santa Cecília e Havaí eram freqüentadas pelos moradores. Estas salas, bem como os antigos e bem decorados palácios de exibição do centro foram, paulatinamente, sendo abandonados ou se transformando em exibidores de pornografia. Atualmente o cinema mais antigo da cidade é o Art Palácio, de 1936, situado no centro histórico. Há tentativas de renovação de cinemas no centro, como a remodelação do Marabá. Outros, como o Ipiranga, o Republica, Marrocos, Metro, Comodoro, Olido, Arouche, Metrôpole, Coral, desapareceram. Antes do advento da televisão, em 1958, com a fundação da TV Tupi, era habitual as crianças serem levadas pelos pais para a sessão “Tom e Jerry”, em geral nos cines Metro e Comodoro, na av São João, aos domingos pela manhã. Desta forma, percebe-se que a elite freqüentava o centro, com sua família. Na década de 70, a Avenida Paulista e a rua Augusta entraram firmemente no circuito de salas de exibição. Adolescentes de camadas médias e altas iam ao Astor, Picolino, Majestic, Paulista, Liberty e Bristol. Depois do cinema, chá na confeitaria Yara, ou sanduiche no Frevinho. Algumas destas salas perduram até hoje. Mas com o advento da televisão colorida em 1970, e posteriormente com a popularização do vídeo e do DVD, os cinemas perderam espaço. A partir de 1990 passam a predominar os cinemas dentro de Shoppings.

Em relação aos teatros, cabe retroceder à época do governo de Antonio da Silva Prado, expoente da família mais rica de São Paulo, fazendeiro e líder empresarial, que durou de 1899 a 1911. Nesse período, edificou o teatro Municipal, marco da afirmação da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

cultura européia que legitimava a elite paulistana. Uma das economias mais ativas do país, São Paulo progredia de forma acelerada. Com aspirações de cosmopolitismo, esforçava-se para apagar seus traços coloniais. Para sua elite, ser “civilizado” implicava despojar-se de seu passado atrasado. Os teatros testemunhavam este rompimento. Na virada do século XIX para o XX, foram inaugurados o teatro Santana e o teatro São José. Estes teatros, com projetos físicos inspirados na Opera Garnier de Paris, ligavam-se principalmente à ópera e à espetáculos de ballet e localizavam-se no chamado centro novo, pós Viaduto do Chá.

Na contramão desta tendência, algumas associações operárias contavam com teatros, espetáculos de dança e conferências voltadas para o seu cotidiano. Um dos primeiros espetáculos de teatro operário se deu em 1902, no Cassino Penteado, no Brás, na Fábrica Penteado, mas foi violentamente suspenso pela polícia (Camargos, 2004: 91). Eminentemente político, combinava peças clássicas, como Galileu Galilei e Giordano Bruno com dramatizações do cotidiano proletário. Na rua do Gasômetro, outro teatro operário, intercalava tragédias de Shakespeare com temas anarquistas. O teatro Colombo, no Brás, onde companhias italianas encenaram operetas, desapareceu apenas em 1966, num incêndio.

Assim, de certa maneira, o cenário dos cinemas repetia-se nos teatros: de um lado, no centro expandido, teatros da elite; de outro, nos bairros populares, teatros voltados para as camadas operárias.

O Teatro Municipal, além de óperas, recebe no seu hall, em 1919, exposições de pinturas impressionistas e esculturas. Em 1916 lá esteve Isadora Duncan e em 1917, Nijinsky e Caruso. Alguns anos depois, em 1922, sediou a Semana de Arte Moderna, que pretendeu resgatar uma cultura nacionalista e autêntica do Brasil.

O TBC (Teatro Brasileiro de Comédia) localizado na Bela Vista, foi fundado em 1948. Era uma companhia que produzia um teatro da burguesia para a burguesia, importando técnica e repertório. Peças da comédia del’arte eram encenadas. O Cultura Artística, projetado por Rino Levi e construído entre 1947 e 1950, no terreno do antigo velódromo de São Paulo, o primeiro estádio de futebol do país, localiza-se no centro novo, na atual Praça Roosevelt. Dedicava-se principalmente à música, para isso contando com uma sala com 1.156 lugares. Sua sala menor, com 339 poltronas, era apropriada para concertos de câmara e peças teatrais.

O TBC, fundado pelo industrial Franco Zampari, trouxe sem dúvida um salto qualitativo à ribalta paulistana. Sua experiência propiciou o aparecimento de várias companhias, entre elas Nicete Bruno/Paulo Goulart e Pequeno Teatro Popular, o Teatro de Alumínio, entre outros, “por outro lado, pequenos grupos, por não possuírem o mesmo suporte financeiro do TBC, acabaram fracassando” (Patriota, 2005:82). Estas salas de espetáculo localizavam-se no centro da cidade.

Em 1953 houve a fundação do Teatro de Arena de São Paulo, por José Renato. A princípio apenas uma tentativa de inovação espacial, acabou sendo responsável pela introdução de elementos renovadores na dramaturgia e na encenação. O diretor José Renato destacava as vantagens econômicas do palco em arena. “Em 1955 o Arena



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

inaugurou sua sede na rua Teodoro Bayma, perto da Igreja da Consolação, no centro novo. ... Nesse período, intensificou-se a aproximação com o Teatro Paulista do Estudante, que contava com a participação de Gianfrancisco Guarneiri e Oduvaldo Viana Filho. Desse contato houve a fusão dos dois grupos, que em 1956 incorporou o diretor Augusto Boal” (Patriota, 2005:82). O grande momento do Arena aconteceu com a encenação de “Eles não usam black-tie”, de Guarnieri, em 1958, peça política e nacionalista. As encenações do Arena, com imagens e significados brasileiros, ganham ênfase na época da ditadura militar. Termina suas atividades em 1970.

Estudantes da Faculdade de direito da Universidade de São Paulo fundam, em 1958, o Teatro Oficina, na rua Jaceguai, cercado centro histórico de São Paulo, não muito distante do algar São Francisco, onde se localiza a faculdade. Reunia grupo amador, com José Celso Martinez Correia, Renato Borghi e outras figuras importantes da dramaturgia paulistana. Sua estréia foi com a peça Pequenos Burgueses, do Gorki. Talvez seu momento mais polêmico aconteceu com a encenação do Rei da Vela, de Oswald de Andrade. Outro marco teatral importante em São Paulo foi o teatro Ruth Escobar, na rua dos Ingleses, Bela Vista. Nas suas duas salas, que datam de 1968, encenaram-se produções com arranjos espaciais distintos e montagens cênicas diferentes, como o Cemitério de Automóveis, de Arrabal, O Balcão, de Jean Genet e A viagem, montagem dos Lusíadas, de Camões. O TUCA (Teatro da Universidade Católica) data de 1965, e foi inaugurado com a peça Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, musicada pro Chico Buarque, na época estudante da USP. Situa-se na rua Monte Alegre, Perdizes, e constituiu importante marco cultural e político durante a ditadura militar. Em 1984, é destruído por um incêndio. Foi reconstruído e atualmente é tombado pelo Patrimônio Histórico. Sua localização sai do anel central, embora ainda situe-se no centro expandido do tecido urbano.

Aos poucos, os teatros foram perdendo espaço. Mesmo oferecendo o contato pessoal e a interação com o público, eram bem mais caros que o cinema e a televisão. Requerem também edificações bastante complexas. Atualmente há tentativa de retomada e ampliação do seu público, com a revitalização de teatros antigos, instalação de salas de concerto, como a Sala São Paulo, na Luz, Teatro Alfa, no extremo sul, Teatro Abril, dedicado a musicais, no centro, Cultura Itaim, no bairro do mesmo nome, entre outros Além da PUC, outras universidades também edificaram salas de espetáculos, como a FAAP e a USP.

Nota-se que os teatros, bastante numerosos em relação a outros equipamentos da cidade, concentram-se no centro antigo da cidade. Nakagawa (2011) identificou 17 equipamentos com espaços exclusivos para teatro no distrito República e outros 15 no distrito Bela Vista. Acompanhando-se a história das casas de espetáculo em São Paulo, percebe-se que República e Bela vista têm concentrado historicamente estes equipamentos. Novos teatros, em hotéis e shoppings, espalham-se pela cidade, preferencialmente em regiões de rendas altas: distritos de Pinheiros, Jardim Paulista, Consolação, sobretudo no entorno da Av Paulista. Teatros em universidades e escolas não têm padrão de localização, já que seguem o da escola e/ou universidade. O padrão locacional dos anos 20/30, com teatros eruditos no centro e populares na região leste já não existe.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A distribuição dos parques mostra que estão fragmentados e pulverizados pelas diversas áreas da cidade. Disputam espaços com áreas de moradia e outras áreas de consumo coletivo. Dentro de uma tipologia de parques, tem-se

- Espaços de lazer ao ar livre, como os parques Ibirapuera, Aclimação, Villa Lobos e outros;
- Parques reservas, áreas livres protegidas por legislação ambiental, como a APA (Área de Proteção Ambiental) Capivari- Monos
- Parques temáticos, aqueles que se prestam tanto à diversão, com brinquedos, e apresentam também áreas de lazer e contato com remanescentes de natureza, como o Zoológico Municipal

O primeiro parque da cidade surge com o Jardim Botânico, chamado Jardim Público, hoje Jardim da Luz) em 1838 (Pasternak e Leme, 2010). Foi nesta época que os ingleses criaram a Comissão da Lei dos Pobres, que produziram diversos relatórios que incentivavam medida preventivas, com drenagem, limpeza das ruas e das casas, suprimento de água e sistema de esgotos. (Rosen, 1994). Tal como se fez com a Lei dos Pobres, foi feita também uma comissão sobre parques e áreas verdes (*Report from the Select Committe on Public Walks*). Neste relatório era apontada a influência do verde e dos parques sobre a saúde física e mental da população trabalhadora. A influência da abertura e parques à população faz com que diversas cidades, entre as quais São Paulo, começassem a dar maior atenção às áreas verdes. Mas só em 1869 melhorias significativas foram feitas no Jardim Público, com reconstrução das paredes do lago e construção de um chafariz com oito torneiras. Na administração de João Teodoro (1872-1875) foi reformado o velho Jardim Público: o lago foi refeito, o jardim ornamentado com estátuas representando as 4 estações, forma instalados bancos, quiosques e um coreto. O Jardim Público transformou-se num dos locais de passeio do paulistano. Bem depois, já na gestão de Antonio Prado (1898-1910), o Jardim da Luz foi novamente reformado. Entre 1902 e 1904 foi inaugurado o jardim da Praça da República, que competia com o da Luz como lazer da burguesia.

Com a abertura da Av Paulista, em 1891, e a ida da aristocracia cafeeira para a região alta da cidade, em 1892, um ano depois, o arquiteto Paul Villon entrega o projeto de um parque tipo inglês, resultante da abertura de caminhos num resto de mata Atlântica. Era explorado pela iniciativa privada, juntamente com o clube Trianonn que lá existia. No local onde situa-se o MASP existia um Belvedere, projeto de Ramos de Azevedo, onde bailes e saraus se davam para a elite paulistana. Em 1924 o parque foi doado à Prefeitura de São Paulo, e recebeu o nome de Siqueira Campos, em homenagem a um dos tenentes da revolução tenentista.

Em 1912 a Prefeitura de São Paulo desapropriou uma área na região central, num bairro de alta renda para onde se encaminharam fazendeiros e industriais saindo de Campos Elíseos, mais perto de centro histórico. Inaugurou, ainda em 1913, a Praça Higienópolis, logo rebatizada de Praça Buenos Aires. Em 1916 as obras da praça, projetada por Bouvard, arquiteto francês responsável por diversas obras de embelezamento urbano na capital, forma inauguradas. A praça tem 22 mil metros quadrados, e é até hoje local de lazer de camadas de renda alta da cidade. Em 1929 outro parque é entregue à população, o da Água Branca, com 137 mil metros quadrados, no bairro de Perdizes.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O Parque da Aclimação, inspirado pelo jardim do mesmo nome em Paris, foi implantado pela iniciativa privada em 1939. Antes o local servia para a “aclimatação” temporária de gado vindo da Holanda. Sua área é de quase 14 hectares.

O mais famoso parque da cidade, o Parque do Ibirapuera, situa-se no bairro de Moema, na zona sul da cidade. Já em 1920 o então prefeito da cidade- João Pires do Rio – quis transformar a área alagadiça a sul da cidade em parque, nos moldes do Bois de Boulogne, do Hyde Park, ou do Central Park de New York. O terreno pantanoso frustrava o projeto, até que um funcionário da prefeitura, Manoel Lopes de Oliveira, conhecido como Manequinho Lopes, iniciou, em 1927, o plantio de centenas de eucaliptos australianos, que drenaram o solo e absorveram o excesso de umidade. Em 1951, Lucas Nogueira Garcez, prefeito na época, nomeia uma comissão para planejar um parque a ser marco do IV centenário da cidade, a ser comemorado em 1954. A comissão encomendou o projeto paisagístico a Burle Marx, o projeto arquitetônico a Oscar Niemeyer. O parque, com áreas de 1585 km², 3 lagos, foi inaugurado em agosto de 1954.

Percebe-se que a estrutura de parques e jardins públicos da cidade acompanhava a moradia das elites: centro, Higienópolis, Paulista, Perdizes, Moema.

Entre outros parques mais recentes, estão o Parque do Carmo, o Parque Ecológico do Tietê, o parque Villa Lobos, na zona oeste, com 732 km², inaugurado na década de 90. Destes, apenas o Villa Lobos encontra-se em distrito mais abonado. Muitos parques recentes atendem às populações periféricas: Carmo, Tietê, Piqueri.

Os parques reserva estão primordialmente nas regiões sul, onde se encontram os mananciais de água, e no norte, na Serra da Cantareira. No sul encontra-se também a APA (Área de Proteção Ambiental) Capivari-Monos, onde certo grau de ocupação humana é permitido, assim com lazer dirigido. Estes os parques temáticos incluem equipamentos voltados à recreação, como o Parque da Mônica, ou exposição de animais ou plantas, como o Parque Zoológico.

Os equipamentos multiculturais são espaços de uso diverso, tanto em relação ao perfil de seus usuários, como em relação à natureza de suas atividades. Casas e Institutos Culturais buscam a valorização de alguns produtos específicos, como as casas ligadas a povos determinados: britânicos, franceses, japoneses, etc, ou são ligados a figuras emblemáticas da história da produção artística e cultural do país, como as casas de Cultura Mário de Andrade, Lazar Segall e outros, ou ainda as patrocinadas por instituições financeiras ou industriais, como o Instituto Itaú Cultural, ou Instituto Banco do Brasil. Entre os centros ligados ao poder público, o projeto Centro Cultural São Paulo surge nos anos 80, por influência do Centro Cultural Georges Pompidou. Sua intenção era fornecer um espaço em que todos tivessem acesso aos mais variados gêneros culturais, ou seja, um espaço multidisciplinar, dirigido a distintos públicos, garantindo acesso à biblioteca, espetáculos de dança, exposições, etc. Localiza-se próximo a importantes vias de conexão ao centro tradicional, e perto de linhas de metrô.

Além do Centro Cultural São Paulo, projetos “SESC” (Serviço Social do Comércio) e “CEUs (Centros Educacionais Unificados) se propõem a superar a dicotomia centro –



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

periferia, localizando-se em áreas periféricas e carentes, de grande densidade populacional e nos principais bolsões de miséria da capital. O Serviço Social do Comércio é mantido por tributos sobre salários pagos pelos estabelecimentos de comércio e serviço e destaca-se pelo atendimento à população de baixa renda e escolaridade. Sua finalidade se caracteriza como contribuição para a melhoria das condições de vida dos trabalhadores e como ações pro-ativas para o desenvolvimento social. Somente nos anos 90 é que os equipamentos SESC são construídos. Há unidades no Belenzinho, Pompéia, Consolação, Pinheiros, Vila Mariana e Itaquera, onde são oferecidos cursos de curta duração, atividades esportivas, apresentações musicais, espetáculos, etc

“Os CEUs são parte de uma política inclusiva capaz de reverter a médio prazo a evasão e melhorar a qualidade de ensino nas nossas escolas- alvos ainda mais importantes quando se consideram as condições de vida da população local. É necessário frisar que os CEUs forma pensados articuladamente com o mapa da exclusão e que eles encontram-se nas áreas de maior exclusão social” (Perez, MA, Goulart, AB, Seixas, LC, 2004: 245). Um CEU é uma unidade que contem uma creche (CEI) para 300 crianças, uma escola de educação infantil (Emei) para 840 crianças, uma escola de ensino fundamental (Emef) e uma escola para jovens e adultos (EJA) atendendo 1240 crianças, jovens e adultos; um telecentro, uma padaria comunitária, um centro comunitário, uma sala de espetáculos e projeção (teatro) com 450 lugares, uma biblioteca com acervo de 20 mil livros, alas de música e dança, duas orquestras- uma de cordas e uma *big band*, uma rádio comunitária, estúdios de produção e gravação multimídia, uma escola de iniciação artística, um ginásio coberto, quadras descobertas, campos de futebol de grama e de areia, uma pista de skate e três piscinas aquecidas, em áreas grandes, de aproximadamente 13 mil m². Esta iniciativa, além do aumento de vagas na rede municipal de ensino, permite que as comunidades do entorno tenham acesso, mesmo nos fins de semana, a equipamentos de cultura e lazer. Os CEUs foram inaugurados durante o mandato da prefeita Suplicy, e continuam a ser edificadas. Atualmente existem, no município, 45 CEUS, localizados nos anéis exterior e periférico, em distritos como Campo Limpo (6 CEUs), Itaquera (2), Capão Redondo, Brasilândia, São Mateus, Sapopemba, Cidade Tiradentes, Cidade Dutra, Guaianases, São Mateus. Lajeado, Butantã e outros distritos pobres e periféricos.

4. Distribuição espacial dos equipamentos e estrutura urbana

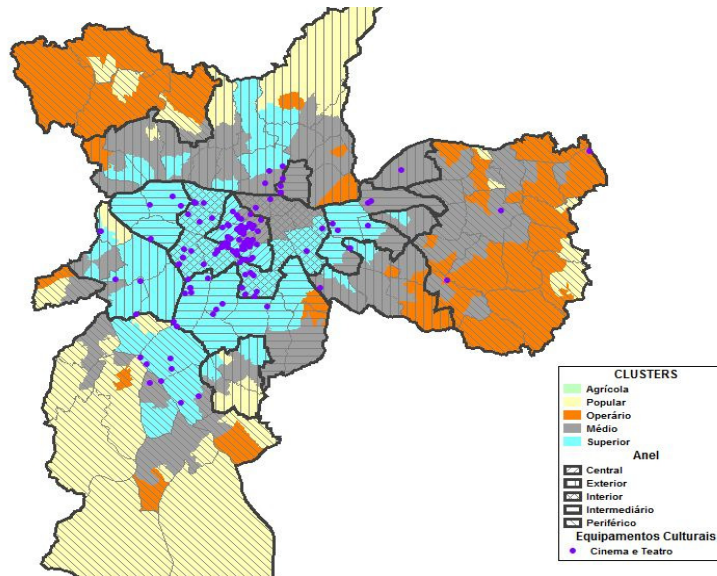
No que diz respeito à distribuição espacial dos equipamentos culturais e de lazer, nos dias de hoje, pode-se afirmar que continua a haver uma forte relação entre estes equipamentos e a categorização sócio-espacial da cidade, situando-se a grande maioria nas áreas superiores e médias do tecido urbano do município.

Os monumentos alocam-se, sobretudo no anel central, nas áreas de tipos superior e médio. São encontrados também alguns monumentos no anel intermediário (mapa 1)

Mapa 1 Monumentos, por tipo de área e por anel

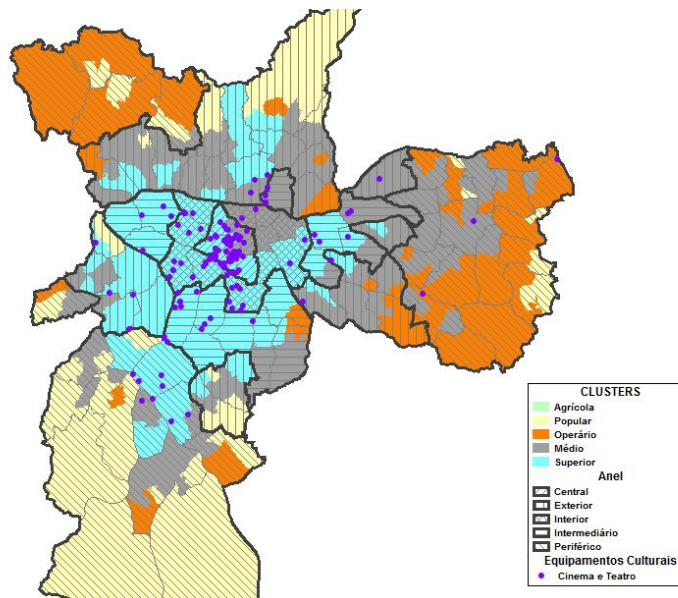


Censo 2000 - capital



Mapa 2 Cinemas e teatros, por tipo de área e por anel

Censo 2000 - capital



Os cinemas e teatros concentram-se em áreas superiores e médias, embora distribuam-se, ainda que de forma desigual, pelos cinco anéis estudados. Conforme aponta o mapa 2, esses equipamentos estão fortemente concentrados nos anéis central e interior e sua presença nos demais anéis está associada à presença de shopping centers, com destaque para a zona sudoeste do município. Conforme já mencionado anteriormente, a instalação de salas de cinema e teatro no interior dos centros comerciais é uma tendência mundial, já estudada por outros autores e está associada às facilidades de acesso, segurança e conforto presentes nesses centros.



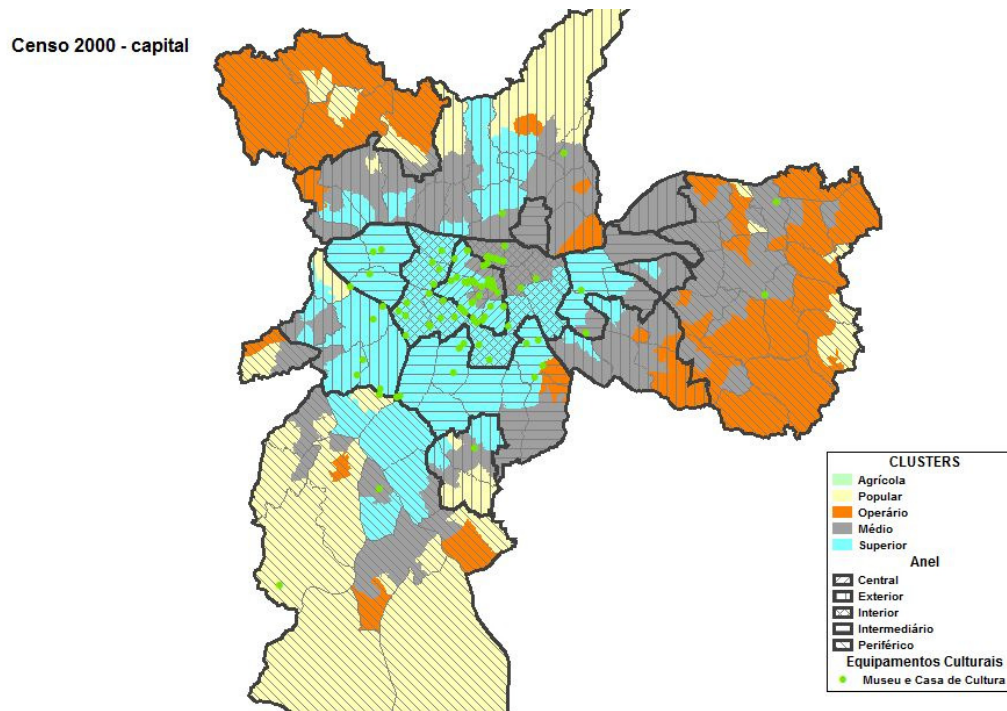
» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

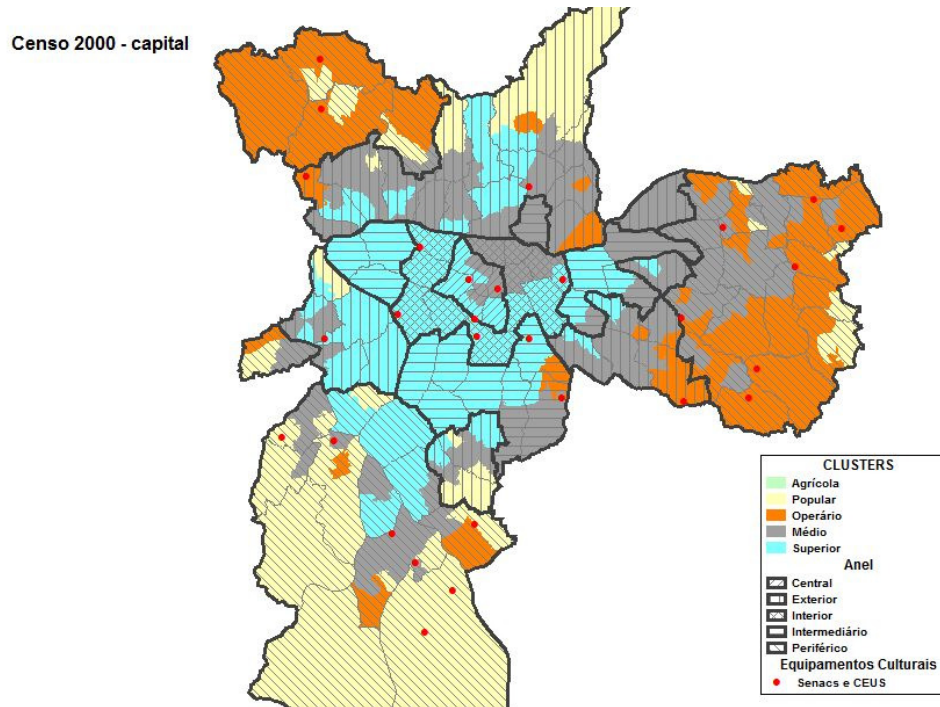
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Mapa 3 Museus e casas de cultura, por tipo de área e por anel



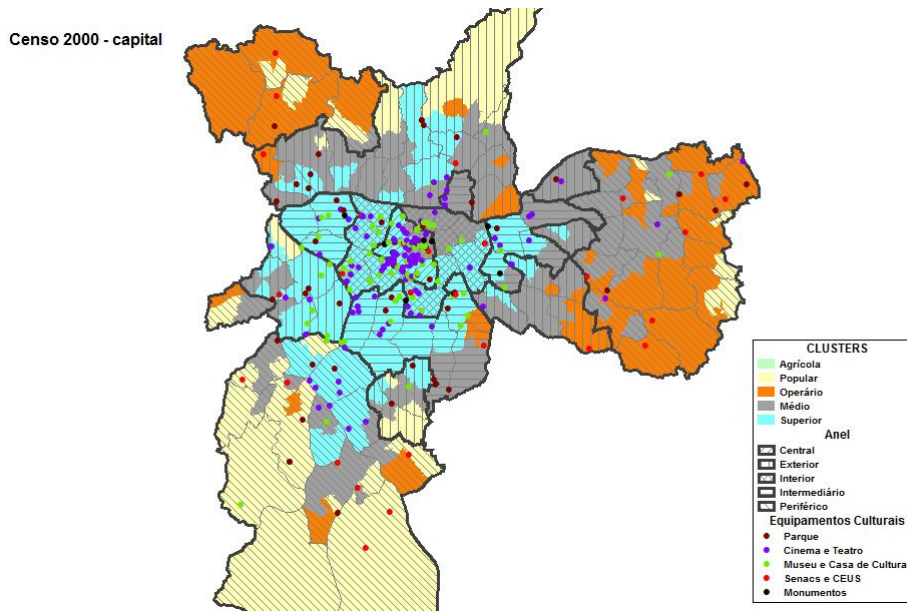
No caso dos museus e Casas de Cultura (mapa 3) é também muito acentuada a concentração em áreas superiores, sobretudo dos anéis central e interior. No anel exterior encontram-se alguns desses equipamentos destacando-se os ligados à Universidade de São Paulo.

Mapa 4 SESCs e CEUS, por tipo de área e por anel



Os equipamentos de cultura e lazer edificados pelo SESC e pela prefeitura- CEUS- mapa 4- são os únicos que se distribuem por todo o espaço da cidade, com presença em todos os anéis. Quando localizados no anel periférico, vinculam-se, frequentemente às atividades das escolas de 1º e 2º grau promovendo uma série de eventos complementares de caráter cultural e esportivo. Os CEUs localizam-se quase que exclusivamente em áreas operárias e populares e possuem um papel importante na inclusão das camadas mais pobres da população.

Mapa 5 Equipamentos culturais estudados, por tipo de área e por anel



Considerações Finais

São Paulo é uma cidade das cidades mais cosmopolitas da América latina e a mais cosmopolita do Brasil. Essa condição não se reflete, entretanto, nas políticas culturais responsáveis pela instalação de novos equipamentos culturais e pela democratização do acesso aos mesmos. A localização concentrada desses equipamentos na cidade tem seguido, mais recentemente, o caminho das novas centralidades, com a instalação de teatros, cinemas, casas de espetáculo e até mesmo parques públicos, em áreas de concentração do grande capital internacional, como é o caso do entorno das avenidas Faria Lima e Luis Carlos Berrini, na zona sul da cidade. Ali a ação do Estado, em parceria com a iniciativa privada, promoveu a construção de um bairro novo, onde a estetização da arquitetura assinala a presença da riqueza e da modernidade, cujo caráter de exclusividade destina-se ao consumo de uma parcela pequena e elitizada da população.

Reforça-se nessas áreas o caráter segregador dos equipamentos, não só pela sua localização, mas pelos preços dos serviços de lazer e entretenimento ali oferecidos. Isso restringe os espaços de sociabilidade e lhes confere um caráter de exclusividade e sofisticação.

No caminho das periferias a expansão dos equipamentos é bem mais restrita e oferece menores possibilidades para o surgimento de espaços de sociabilidade e de expressão



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

cultural. Nas áreas mais pobres e afastadas da cidade é central a importância da atuação do Estado na instalação de equipamentos e na promoção de atividades culturais. E é nessas áreas que a falta de equipamentos culturais aponta para a inexistência de políticas culturais inclusivas, reforçando o quadro de superposição de carências que marca o cotidiano da população ali residente.

Bibliografia

CAMARGOS, Mônica – “Entre a província e a metrópole: arte e cultura In MALTA CAMPOS, C; GAMA,LH e SACCHETTA, V (org) São Paulo, metrópole em trânsito; percursos urbanos e culturais. São Paulo, Ed Senac, 2004. pp 90-97

MALTA CAMPOS, Cândido- “Trezentos anos em trânsito: a remodelação de São Paulo sob a Primeira Republica” In MALTA CAMPOS, C; GAMA,LH e SACCHETTA, V (org) São Paulo, metrópole em trânsito; percursos urbanos e culturais. São Paulo, Ed Senac, 2004. pp 72-91

NAKAGAWA, Carolina Teixeira – Reflexos sociais e impactos territoriais: tipologias e espacialização dos equipamentos de cultura e lazer. São Paulo, dissertação de mestrado apresentada à FAU-USP, 2011

PATRIOTA, Rosângela – “ A escrita da história do teatro no Brasil: questões temáticas e aspectos corporativos.”Revista História (São Paulo), vol 24, nº 2,2005,pp 79-110 UNESP, Brasil

PEREZ, MA;GOUVEIA DE FARIA, AB e SEIXAS, LC - “ Os CEUs e sua proposta para educação IN MALTA CAMPOS, C; GAMA,LH e SACCHETTA, V (org) São Paulo, metrópole em trânsito; percursos urbanos e culturais. São Paulo, Ed Senac, 2004. pp 243-246

SCHVRZMANN,Sheila – “Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20”. Revista Brasileira de História . vol 25, ano 49, jan/jul 2005, PP 153-174